

Comandante Moreira

Rubem Braga

1232
QUANDO a Revolução demitiu o comandante Paulo Moreira da Silva da direção da SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca), ela choveu no molhado: ele havia sido demitido, pouco antes, pelo presidente Goulart. Sua falta: procurado pelos organizadores do famoso comício da Central, ele acedera em dispensar seus trabalhadores por meio dia, mas se negara a permitir que os caminhões da SUDEPE transportassem gente para o comício. Duas vezes anteriormente o presidente Goulart assinara sua demissão e duas vezes voltara atrás. O PTB queria seu cargo e, como dizia o próprio presidente Goulart: «essa gente é muito fisiológica...»

Na verdade a única política do comandante Moreira e o mar. E na SUDEPE era a pesca. Tantas tolices fez a Revolução que deve ser apresentado como grande mérito de seus homens na Marinha não haverem aberto um IPM para enquadrar o comandante Moreira. Limitou-se, a nova direção da SUDEPE, a paralisar a sua obra e lançar à água seu «Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca».

Convido, desta obscura coluna, o sr. ministro do Planejamento (que não me lê) a ler esse Plano. Talvez não o faça, por alergia à palavra «desenvolvimento». Talvez não consiga um exemplar, pois essas 94 páginas passaram a ser consideradas leitura malsã. Eu lhe empresto, dr. Roberto. Lendo-o, o senhor verá que o comandante Moreira não conhece a oceanografia da pesca apenas dos cursos que fez no estrangeiro, do estudo das cartas e dos livros, dos aquários e museus, das provetas e dos microscópios. Conhece as traineiras e os barcos de linha, as rédes de pescar camarão e os côvos de pegar lagosta, os cardumes de merluza nas águas frias do Sul e na mantas de sardinhas fora da Guanabara. Sabe como vive e como trabalha a empresa de pesca e a indústria do peixe, o humilde pescador da Colônia Z-X perdida num recanto do litoral e o motorista do caminhão de gelo. Sabe o preço de um barco e a paga de um homem, o mecanismo da venda e o gosto caprichoso do consumidor, a legislação da Marinha Mercante e a incidência dos impostos. Conseguiu a cooperação da UNESCO para o trabalho de pesquisa e formulava planos capazes de atrair o dinheiro da Aliança para o Progresso e do Fundo de Assistência da República Federal Alemã, de conciliar a necessidade de adquirir barcos mais baratos no estrangeiro com a conveniência de estimular o estaleiro nacional.

Não se trata de um plano perfeito nem definitivo, é apenas o esquema lúcido, realista e flexível de uma política de desenvolvimento da pesca visando garantir uma oferta de 10 quilos de pescado por habitante-ano ao brasileiro a um preço acessível. Um plano ambicioso, mas possível, viável, dentro de um certo custo e de um certo prazo.

O comandante Moreira não se queixa. Ele está lá, no comando do seu «Almirante Saldanha», confortado pela admiração, pelo carinho e pelo respeito de seus oficiais e de seus marinheiros, presente em todos os quartos de serviço, pesquisando com emoção a ressurgência das águas frias e a direção da corrente das Malvinas, e ainda esta semana receberá a bordo colegas da Marinha uruguaia e da Marinha argentina que com ele estudarão a rota caprichosa dos cardumes que interessam à economia dos três países irmãos. Lá pelo fim do mês passará três dias no Rio e rumará logo para o Norte, onde se associará a um navio alemão para pesquisar o fluxo das águas do Amazonas sob a corrente sul-equatorial.

Seu barco recebe cientistas de todo o mundo e filhos de pobres pescadores do Brasil, alunos de Universidades e técnicos de vários Institutos. Ele sabe que mais dia menos dia o fruto desses pacientes longos trabalhos terão de ser levados em conta quando se quiser formular novamente uma política de desenvolvimento da pesca.

Não o perdemos. A Revolução, felizmente, não o lançou fora. Prevejo apenas que a incompreensão nacional o levará a aceitar mais dia menos dia, o convite de um organismo internacional, onde seu nome, sua competência, sua seriedade e seu duro trem de trabalho, merecem a admiração de oceanógrafos de todo o mundo. Teremos um almirante Paulo Moreira, reformado, vivendo, com o bolso bem fornido de dólares, naquela Paris onde o conheci como um pobre tenente estudioso, a família ariontoada em um hotelzinho de Montparnasse. Mas sua ausência fará o Brasil mais pobre de esperança.

DM - 5.8.65